

HOJE DE CACIA

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz

Correspondentes em Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro, Póvoa e Paço, Vilarinho, Mataduchos, Taboeira, Esgueira, Angeja, Fróssos, Azurva e Sarrazola (Cacia).

Fundador: J. J. Nunes da Silva

SEMANÁRIO INDEPENDENTE E DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO BAIXO VOUGA

Redactor principal: **ANIBAL CRUZ**

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem.
Dantor

ASSINATURA

Série de 50 números 40\$00
Série de 25 números 20\$00
Estrangeiro, 50 números 70\$00
Colónias 50\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

O «Ecos de Cacia» é o jornal do distrito de Aveiro de maior expansão em Lisboa e Porto

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

Não se restituem quaisquer originais, quer sejam ou não publicados.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz — QUINTA — CACIA

Telef. 18

Não se aceitam originais contra a vida particular de qualquer indivíduo

A justa manifestação à Junta de Freguesia de Cacia

Realizou-se no último domingo, dia 15, a anunciada homenagem de gratidão à Junta de Freguesia de Cacia, a que se associou todo o povo desta freguesia.

Os membros desta Junta, srs. António Rodrigues da Silva Gomes, presidente; Henrique Nunes da Silva, secretário; Fernando Augusto de Oliveira, tesoureiro; e Diamantino Rosa Teixeira, escrivão, bem a mereceram, pois foram incansáveis trabalhadores na realização dos melhoramentos que aqui foram inaugurados no dia 1 do corrente e que são a pavimentação a cubos de granito das ruas Luís de Camões, Conselheiro Nunes da Silva e Vasco da Gama e o fountenário e lavadouro coberto.

A publicação dos discursos declamados nesta manifestação, dispensa-nos a elogios à desenvolvida actividade da nossa Junta, mas nunca é demais repetir a verdade que já aqui temos dito, para que se saiba: Se não fosse a sua iniciativa e o incansável trabalho dispensado, não teríamos as ruas de Cacia pavimentadas, nem o novo fountenário e lavadouro, como também estes melhoramentos não estavam feitos se não fosse organizada a actual Junta, que tão honrosamente dirige os destinos desta freguesia, a mais importante das freguesias rurais do concelho de Aveiro.

FOI A MAIOR PROVA DE GRATIDÃO DO POVO CACIENSE QUE ATÉ HOJE SE ORGANIZOU A BEM DOS INTERESSES DA TERRA

Não só realizaram estes melhoramentos mas outros mais e fixaram um plano de obras para todos os lugares da freguesia, que irão efectuar na medida do possível e com a maior brevidade.

A comissão promotora desta justa manifestação, consti-

tuída pelos srs. Dr. João Pereira Soares, António Augusto Pinto Perfeito, Joaquim Dias Lourenço, Padre Virgílio Susana Dias e José Marques Damião, teve como agregados os srs. Dr. Tomaz de Aquino Tavares de Sousa, António Dias Pereira, José Maria Nunes de Pinho, Eugénio Cerqueira da Encarnação, Manuel

Marques Rodrigues, Delfim Eusébio Pereira, Joaquim Dias Pereira, Ventura Rodrigues Soares, Joaquim Simões Quintaneiro e António Tomaz Rodrigues da Cruz e a colaboração doutros conterrâneos.

O sr. Dr. Alvaro Sampaio, ilustre presidente da Câmara



Constituição da Junta de Freguesia de Cacia

Da esquerda para a direita: Fernando Augusto de Oliveira, tesoureiro; António Rodrigues da Silva Gomes, presidente; Henrique Nunes da Silva, secretário; Diamantino Rosa Teixeira, escrivão.

Municipal de Aveiro, deslora-se aqui expressamente para se associar a tão significativa homenagem.

Depois da concentração junto da Casa do Povo de Cacia das representações do Rancho Folclórico, do Club Recreio Caciense, do «Ecos de Cacia», da referida Casa do Povo, as crianças das escolas primárias de Cacia e Sarrazola, com os respectivos professores sr. Arménio Ribeiro Martins e sr.ª D. Filomena das Dores Vilela, D. Maria Júlia Simões Amaro e D. Maria Celeste da Naia Regala, e com a comparência da Banda do Grupo Musical Caciense, que tocou festivamente em todo o percurso, organizou-se um grandioso desfile, pela rua Tenente-coronel José Afonso Lucas, para o Club Recreio Caciense, onde se realizou, em seguida, uma pública sessão solene, presidida pelo Sr. Presidente da Câmara de Aveiro.

O seu exemplo perdurará e servirá, creio-o bem, de estímulo aos vindouros.

Já todos o sabemos mas não é demais repeti-lo que a nossa Junta de Freguesia se abalançou à obra da pavimentação das suas ruas — obra na qual se investiu mais de uma centena de contos — sem ter nos seus cofres um real. Confiou no bairrismo dos cacienses, no seu amor ao torrão natal, na ajuda da Câmara Municipal

O Sr. Presidente abriu a sessão e deu a palavra ao sr. Dr. João Pereira Soares, abalizado médico nesta freguesia, que pronunciou o seguinte discurso:

«Ex.º Sr. Presidente da Câmara

de Aveiro, através do seu ilustre presidente que sempre lhe deu todo o seu apoio, e veneu.

Todos os seus membros desde o seu dinámico presidente ao seu escriptorário — ao qual não posso deixar de fazer menção especial pela cooperação valiosa que prestou — todos os seus membros, dizia, puseram nesta tarefa, todo o seu entusiasmo, todo o seu ardor, quantas vezes, sei-o bem, com prejuizo dos seus interesses particulares.

A freguesia espera mais da acção e do dinamismo da sua Junta, mas estou certo que não espera em vão.

Eu que, na minha vida profissional, percorro a freguesia de lés a lés, conheço bem as suas necessidades.

Sarrazola, Vilarinho, a Quinta do Loureiro, Póvoa do Paço e Cacia, tem os seus problemas, as suas necessidades.

As estradas estão à cabeça das suas aspirações; as vias de comunicação são elementos primordiais do desenvolvimento dos povos; sem estradas não pode haver progresso.

A Junta de Freguesia vizinha é impotente para acudir a todas as exigências, mas venham os lugares da freguesia colaborar lealmente com a sua Junta que ela, tenho a certeza, não ficará de braços cruzados.

Unamo-nos todos em volta da nossa Junta, dê-lhe cada um de nós a cooperação que as nossas forças permitam, para engrandecimento da nossa terra, para uma Cacia maior.

Punhamos de parte rivalidades mesquinhas e inconsistentes, que a ninguém aproveitam, e trabalhemos todos pelo progresso da

(Continua na 2.ª página)

VULTOS DA DEMOCRACIA

JOÃO DE DEUS RAMOS

A morte acaba de roubar a vida a João de Deus Ramos, filho do imortal poeta e autor da «Cartilha Maternal», que foi um dos insignes talentos da geração moderna, um grande educador, um fervoroso amante da sua Pátria e da Democracia.

João de Deus Ramos, que nasceu em 26 de Abril de 1878, formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, de onde saiu em 1902, tornou-se um propagandista entusiasta do ensino popular e, como emérito artista da palavra, divulgou a obra de seu pai, existindo já as escolas-móveis pelo método de João de Deus, fundadas por Casimiro Freire, foi criador dos Jardins-Escolas João de Deus, iniciativa poética a que ele deu sólidas bases com características nitidamente originais, que merecem os mais exaltantes louvores de nacionais e estrangeiros, pois que os poetas que existem em Portugal são verdadeiras catedrais da instrução popular.

Notável pedagogo, o Dr. João de Deus Ramos foi sempre um republicano de princípios, ocupando na vida pública lugares de relevo, tais como ministro da Instrução em 1920 e ministro do Trabalho em 1925, foi também governador civil de Coimbra e da Guarda e deputa-

do pelo círculo de Alcobaça, deixando atrás de si um luminoso rasto em que o seu extraordinário vulto intelectual nos aparece na assombrosa pujança do seu sabor, na grandiosidade inconfundível do seu valor.

Por todos os títulos, o filho de João de Deus, deixou-nos a dor do seu desaparecimento, no instante em que tanto carecíamos da força da sua vontade resoluta, do prestígio da sua cooperação inafegável, da luz do seu talento privilegiado, do conselho do seu critério singular.

Credor da nossa consideração, pelo muito que soube ser e pelo muito que procurou sempre amar o seu País, Dr. João de Deus Ramos fez juz a uma consagração unânime.

Nas referências que lhe têm sido feitas pela Imprensa periódica, essa dívida moral está sendo mais ou menos satisfeita, enquanto a não salda por completo uma afirmação mais concreta do preito nacional: por sua vez, pois, o «Ecos de Cacia» associa-se a tão legítima homenagem, vindo depôr sobre o túmulo do grande amigo da Instrução e devotado democrata que se chamou João de Deus Ramos uma sentida lágrima de saudade eterna.

A. C.

O novo horário dos comboios prejudica os naturais ausentes desta região

Houve novamente alteração no horário dos comboios, a qual a partir de ontem, dia 20, trazendo grandes prejuizos à nossa região e à própria C.P., em consequência de ter deixado de parar em Cacia o comboio semi-directo vindo de Lisboa, que aqui chegava às 18,03 horas.

Sabido como é que a nossa grande região tem espalhados pelo país e muito especialmente por terras do sul e na capital do Império alguns milhares de filhos, que diariamente dão considerável movimento à estação de Cacia, não deve haver justificação possível para que deixasse de ter paragem aqui

aquele comboio.

Este facto, obriga, de futuro, trastrodo, em Aveiro, aos passageiros que pretendam desembarcar em Cacia, o que se torna sempre muito aborrecido numa viagem e ainda mais a pessoas de avançada idade ou sem possibilidades.

Lamentamos esta alteração e levamos ao conhecimento da Administração da C.P. a conveniência de ser restabelecida a paragem daquele comboio em Cacia.

* Chamamos a atenção dos nossos leitores para o horário que publicamos na 4.ª página, já devidamente rectificado.

A justa homenagem à Junta de Freguesia de Cacia

(Continuação da 1.ª página)

nossa ridente povoação, que bem o merece.

Cacia está a atravessar uma fase de franco desenvolvimento e progresso, que tem como fulcro a instalação adentro dos seus muros da C.P.C.

Mas alguns dos nossos contemporâneos não vêm com bons olhos a nova indústria que aqui se veio montar. Sosseguem os espíritos mais timoratos que, estou certo, os interesses da freguesia, serão respeitados. Não esqueçamos que a C.P.C. está no início das suas experiências, e que alguns dos seus problemas que mais directamente nos possam interessar, ainda estão longe de ter uma solução definitiva.

Olhemos a C.P.C. como um factor de franco progresso para a nossa terra e permita-me a Junta de Freguesia de Cacia que lhe peça continue com a mesma vontade firme e inabalável a trabalhar por esse progresso que todos nós, ardentemente desejamos.

Estou certo que com homens desta tempera muito teremos a esperar em prol da nossa terra.

Interpretando o sentir do nosso povo, — estou certo disso — quero-vos dizer, Bem Ha am.

Não quero alongar-me mais, mas não quero terminar sem agradecer a V. Ex.ª, Sr. Presidente da Câmara, a gentileza com que aceitou ao nosso convite para, com a sua presença, dar mais brilho a esta festa de homenagem; para V. Ex.ª, Sr. Presidente, vão as nossas homenagens e os nossos cumprimentos. A's ilustres Professoras e Prof. das escolas de Sarrazola e Cacia queremos também agradecer o valioso contributo que vieram dar a esta festa. A' Casa do Povo, ao semanário «Ecos de Cacia», ao Club Recreio Caciense e a todo o Povo que nos acompanhou os nossos agradecimentos. Tenho dito.»

Em seguida, foi o rev. pároco desta freguesia, sr. P.º Virgílio Susana Dias, que teve a palavra e assim falou:

«No dia 2 de Fevereiro de 1951 deixava eu a paróquia da Castanheira do Vouga e a capelania do Hospital de Agueda, para ingressar num novo campo de trabalho — esta risonha freguesia de Cacia, cuja beleza natural bem demonstra as maravilhosas paisagens do Vouga.

A parte os melhoramentos locais, ainda há pouco levados a efeito, Cacia é hoje, sob o ponto de vista de melhoramentos, aquilo que era no tempo da minha chegada.

Estou, portanto, em Cacia há pouco tempo. Por tal razão não tenho eu conhecimentos de causa para falar aqui dos melhoramentos realizados anteriormente a esta data — 2 de Fevereiro de 1951. Todavia, fundamentado na voz corrente do povo e no artigo do fundo do «Ecos de Cacia» de 19 de Setembro do ano corrente, artigo esse da autoria de Suceña Pinto, permitam-me V. Ex.ª que eu, antes de pronunciar as minhas palavras de saudação e admiração pela Junta actual, preste homenagem a quem de algum modo, deu início a esta cruzada de melhoramentos que vão já dignificando Cacia.

Em primeiro lugar, homenagem de saudade ao sr. Conselheiro Nunes da Silva, de saudosa memória, para quem teve a dita de privar com ele que tanto trabalhou e tanto conseguiu para Cacia, homenagem de saudade extensiva a todos aqueles (perdoem não citar nomes por ignorar los mas que sei existirem) que pelos seus esforços ou elevada categoria dignificaram este seu torrão natal.

Em segundo lugar, homenagem àquele rapaz, João Simões Costa, e seus colaboradores, ao qual se

refere o jornal da terra do supra citado dia 19 de Setembro.

As minhas saudações.
Ex.º Sr. Presidente da Câmara:

A V. Ex.ª, por se ter associado a esta homenagem e pelo esforço e boa vontade dispensados a esta terra em prol do seu ressurgimento, os meus agradecimentos.

Ex.º Sr. Engenheiro Villas Boas:

A' Companhia Portuguesa de Celulose que V. Ex.ª dignamente representa, a qual desde a primeira hora, se tem interessado pelo progresso desta terra não só pelo bom ânimo dispensado àqueles a quem tem competido a chefia de qualquer empreendimento, mas também e principalmente pelas generosas quantias que lhes tem oferecido (diga-se, mais uma vez, como exemplo 25 contos para os cubos de granito). A' Companhia Portuguesa de Celulose que não quis alhear-se a esta homenagem, muito obrigado. Ex.ºs e Amigos Homenageados: As minhas cordeais saudações.

Meus senhores:

Ver... Julgar... Agir... são três palavras de que a Acção Católica Portuguesa costuma servir-se para traçar o lema dos seus trabalhos. São três palavras simples na sua forma mas que podem traduzir um programa de vida se o homem se propuser a si próprio pô-las em prática. Vem elas enunciadas nos dicionários da língua pátria com a seguinte significação: *Ver* — perceber por meio da vista; *Julgar* — fazer um juízo sobre aquilo que se viu; *Agir* — pôr em prática ou seguir o juízo sobre aquilo que se viu e julgou. São três palavras todas elas ligadas entre si quando o homem se não queda só em ver, de braços cruzados (como «boi a olhar para palácio», no velho rife popular) ou, então, chegando mesmo a fazer um juízo, contaminado por uma apatia galopante ou por um pessimismo mórbido, nunca chega a agir e fica-se por ali completamente derrotado.

O homem, física e intelectualmente dotado não procede assim. Vê e observa atentamente, julga das facilidades e dificuldades, dos prós e dos contras e, por fim, age consoante o seu julgamento.

Sabe-se bem — a prática no-lo tem mostrado — que mesmo assim o homem que sabe ver e julgar e é capaz de agir, encontra dificuldades (se as não encontrara ficaria diminuído o valor do seu agir) e é, muitas vezes, forçado a desistir da sua intenção por causa dos tais imponderáveis e — o que é mais triste — por causa de vontades opostas e derrotistas; mas, nessa altura, ficam salvaguardadas a intenção e boa vontade e manda a justiça que se preste homenagem àquele que viu, julgou e não pôde agir.

Meus senhores:

Salvo o devido respeito pela Acção Católica Portuguesa vou servir-me desta sua terminologia e, por meio dela, procurarei fazer uma simples análise da maneira como até hoje se comportou no trabalho a Junta actual desta freguesia.

No dia primeiro de Janeiro de 1951 começavam a exercer os diferentes cargos da Junta quatro rapazes, rapazes digo bem (nunca a menor falta de cabelo ou mesmo alguns cabelos brancos foram sinal certo de idade avançada) (estou certo de que eles me não levarão isto a mal). Rapazes, digo bem. Rapaz, no sentido puramente restrito e etimológico é aquele que possui o espírito de rapina. Está agora... eu a tratar de rapinantes estes quatro senhores tão sérios e tão honestos... Que rapinaram eles?! (na da consta a não ser os magros

patacos que tão honrosa e dignamente souberam tirar das nossas algebeiras para poderem levar a efeito os melhoramentos ainda há pouco inaugurados); mas por isso merecem felicitações e só felicitações.

Mas não! Embora o significado etimológico seja este, nós vamos dar-lhe uma amplitude maior e dizemos, então: rapaz é a pessoa que toma ou agarra rapidamente.

Em face desta última significação, respondi-me, meus senhores, podemos nós dizer que estes rapazes se não agarraram rapidamente, com sofreguidão mesmo, ao cargo que lhe foi confiado em 1951? Não podemos. Perante as realidades não devemos nem podemos ficar indiferentes. As realidades não as podemos negar.

A quem se deve as calcetadas ruas de Vasco da Gama, Conselheiro Nunes da Silva e Luís de Camões que tantas facilidades vieram proporcionar a peões e a motorizados? Ao Ex.º Sr. Presidente da Câmara? — Em grande parte. A' Companhia Portuguesa de Celulose? — Muito. Ao povo da freguesia? — Muíto. Porém, se não tivessem estado à frente do movimento estes intrépidos rapazes, ainda hoje teríamos de assistir às dificuldades por que, por vezes, passaram os condutores de pesados ao cruzarem-se nestas ruas ou, então, teríamos de pagar, no fim do mês, ao sapateiro uma conta mais avultada pelo consento das biqueiras das botas; ou ainda, depois de uns dias de chuva torrencial, teríamos possivelmente de contratar um barqueiro que em sítios de água acumulada nos viesse passar de um lado ao outro para não encharcarmos os pés, ou, então aceitar a oferta generosa mas vergonhosa de algum amigo «pé descalço» que nos quisesse transportar «às cavaleiras».

A quem se deve a aquisição de um fontanário-lavandouro coberto, que ao público trouxe vantagens de ordem higiénica e de comodidade? — Ao Estado, à Câmara, mas também aos rapazes. Mas dizia eu, entraram para a Junta estes quatro rapazes novos, ou por outra, de início entraram três dos presentes vindo o quarto juntar-se a estes pelo afastamento de um dos primeiros quatro ao qual, embora distante eu presto a minha homenagem.

A vontade de trabalhar foi o escudo com que se apresentaram em campo estes quatro soldados da freguesia. Animados de um grande espírito de camaradagem aliado a essa vontade, começaram a ver com olhos de ver as necessidades da terra. Começaram a julgar da maneira mais prática como haviam de satisfazer a essas necessidades; e, finalmente começaram a agir. Não cruzaram os braços nem se deixaram vencer pela apatia. Terão encontrado pela frente as tais vontades opostas e derrotistas? Talvez, quem sabe?, mas agiram e agiram bem.

Agiram bem, não resta a menor dúvida. Mas podemos fazer algumas perguntas: 1.ª Terão eles, porventura, visto todas as necessidades? — Se não todas, muitas outras ainda não remediadas, devem ter visto. Ver é sempre mais fácil. 2.ª Terão eles, porventura, julgado da maneira como acudir a todas elas? — Talvez não, levados por aqueloutro velho aforismo popular: «quem muitos burrinhos toca algum tem de deixar atrás». 3.ª Terão eles feito tudo? — Não fizeram com certeza. Mas isso podia exigir-se deles? — Não podia não, senhores. As necessidades são muitas; a freguesia é grande; os lugares são cinco (não falando da Testada que também pertence). Todos os lugares têm direitos mas «não se obega a Roma num dia».

Seria para mim consolador, como pároco que sou de todos, ver que, amanhã, quando a ocasião se proporcionasse e as finanças o permitissem, esta ou outra Junta começava a olhar por todos

os lugares, do maior ao mais pequeno porque para todos foi constituida.

Possui vontade de assim proceder a presente Junta — tenho-o observado e oxalá se possa dizer o mesmo de qualquer outra futura.

E eu, ao olhar para estes rapazes homenageados, dos quais conheço as boas qualidades e, ao saber que em toda a freguesia muitos outros rapazes há igualmente cheios de boa vontade, posso desde já contar com essa consolação a que acima me referi se Deus quiser que me vá conservando por esta linda terra do Vouga.

Para mim tem duplo fim esta manifestação de hoje: agradecimento penhorado à Junta actual que tanto tem trabalhado e continuará a trabalhar; agradecimento às Juntas precedentes que trabalharam mas só às que trabalharam e encorajamento às futuras para se esforcarem por fazer mais.

Meus senhores:

Eu não sei como decorriam as sessões da Junta actual na sua sede já tão limpa, tão ordenada e tão actualizada, porque nunca assisti a elas. Mas quero-me parecer que em todas elas, dado o temperamento dos seus componentes, se conjugavam quatro verbos que iam levar à sala um ambiente de trabalho, de camaradagem, de alegria e de ânimo para o futuro. Eram eles o verbo *mandar* na pessoa do Presidente; o verbo *aconselhar* na pessoa do Escriurário; o verbo *obedecer* na pessoa do Tesoureiro; e o verbo *animar* na pessoa do Secretário. E' claro que ao fim e ao cabo, porque bem se entendiam, todos mandavam, todos aconselhavam, todos obedeciam e todos animavam. Mas parece-me que uma vez por outra, aquilo funcionava da seguinte maneira: o Sr. Gomes, Presidente, dizia assim: temos de fazer isto porque é de grande necessidade; o Sr. Teixeira, homem experimentado e normalmente em empreendimentos desta natureza, acrescentava: está bem, mas é preciso ir com calma e a melhor maneira de conseguir dinheiro é esta ou aquela; entusiasmado, vinha logo o Sr. Fernando e dizia alto e bom som: aqui me tendes para trabalhar (e tinham, pois ele que também faz parte da comissão do culto, preferia faltar às reuniões desta a não faltar às da Junta; mas eu não o condeno por isso). Finalmente necessitava-se da opinião do Sr. Henrique; mas quê?!... Ainda não tinha chegado. Questão de avaria no relógio ou, quem sabe, mudança da hora... Paciência!... Esperemos mais uns momentos. Pode ser que esteja na Legião!... Ambiente de tristeza!... Começava a sentir-se a falta do Sr. Henrique!... Até que surgia, porta dentro, um vulto agigantado mas bem constituido, sempre alegre e bem disposto, já com duas chalaças engatilhadas e num instante punha tudo às gargalhadas.

Desculpai, Amigos, esta maneira graciosa como termino as minhas palavras de saudação. Esse ambiente alegre e de franca camaradagem é indispensável ao bom resultado dos trabalhos. Foi devido a essa alegria aliada a seriedade que vós fizestes o que fizestes. Tenho dito.»

Depois foi o sr. Dr. Alvaro Sampaio, presidente da sessão e ilustre Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, que pronunciou o seguinte discurso:

«Meus senhores:

Gosto pouco de falar em público e muito menos improvisar discursos, porque nas improvisações fala-se ao sabor da emoção de momento, as palavras pegam-se umas às outras como as cerejas e, por vezes, fazem-se afirmações que não se podem integralmente cumprir. Por outro lado, escrevendo o que tenho a dizer não estou sujeito a que deturpem

as minhas palavras ou desvirtuem os meus pensamentos. Eis os motivos por que escrevi estas desprezíveis considerações.

O povo de Cacia presta hoje homenagem aos homens que constituem a Junta da sua Freguesia. Gostosamente me associo em nome da Câmara e no meu próprio nome, a esta simpática festa por a considerar oportuna, justa e merecida.

Servir o bem comum sem nada pedir em troca; sacrificar-se voluntariamente pelos outros sem mira em recompensas; enfrentar, com calma, malquerenças, aborrecimentos, arrelias e críticas sem ter ambições de mando ou aspirações políticas, é realmente para admirar e enaltecer.

Nesta época de egoísmo em que cada um só pensa em si sem querer saber dos outros; nesta emergência do mundo em que o voluntariado vai sendo flor cada vez mais rara, encontrar homens dispostos a sacrificar o seu sossego de espírito, os seus interesses ao bem colectivo, homens que zelem o que é de todos e que não é especificadamente de nenhum, homens, enfim, que procuram engrandecer e melhorar a sua terra, é caso para lhes manifestar o nosso reconhecimento, a nossa gratidão, o nosso apreço.

Das actividades a que um indivíduo pode dedicar-se nesta vida, a que se exerce nos domínios da administração pública, principalmente nos meios pequenos onde tudo se critica, é moralmente a menos compensadora. Trabalha-se para a colectividade, procura-se servir o bem público, perdem-se energias e, muitas vezes, encontramos azedume onde só deveria haver aplauso, resistências onde só deveria haver facilidades, luta onde só deveria haver colaboração.

Mas não vale a pena lamentar-nos. A vida é assim mesmo. Se fossemos a esperar o bem pelo bem e a retribuir agravos com agravos, ingratidões com ingratidões, o mundo seria uma coisa insuportável. E' preciso que haja alguém que esqueça o que a vida tem de mau para se consagrar ao bem-estar de todos sem olhar a recompensas, sem esperar agradecimentos, sem aguardar aplausos.

A obra levada a cabo pela Junta de Freguesia de Cacia merece um apontamento especial. Mas se quisermos ser justos, devemos acrescentar que as circunstâncias facilitaram e favoreceram a acção desses homens dedicados. Aqui encontraram um jornal, os «Ecos de Cacia», o único periódico que se publica nas freguesias rurais do Concelho, que está sempre pronto a defender os interesses desta região e que pôs as suas colunas à disposição da Junta; aqui encontraram um espírito de acendrado bairrismo que os tem estimulado nos seus empreendimentos; tiveram o concurso da Fábrica de Celulose; tiveram também a oportunidade do auxílio da Câmara e do Estado, e tudo isso é de considerar.

Não deve ser indiferente à sensibilidade dos componentes da Junta esta homenagem, embora a não quisessem e não obstante sentirem-se contrafeitos neste momento por ouvirem palavras de louvor e carinho à sua prestante acção. Mas, por outro lado, há necessidade de exaltar este esforço porque é uma lição de civismo e de reconhecimento, é a única recompensa de trabalhos e canseiras em prol do comum.

Os cacienses provaram hoje à sua Junta de Freguesia que não são ingratos e que reconhecem o que se lhes faz. Bem hajam!

Se alguma coisa me confrange quando visito as freguesias rurais do nosso Concelho, é o seu atraso, o estado da maior parte dos caminhos, a falta de fontes e de lavadouros, a pobreza das habitações, a falta de conforto e de higiene de muitos lares. E, confrange-me tanto mais quanto

(Continua na 3.ª página)

reconheço ser impossível acudir, de pronto, a tanta necessidade premente. Nem a Câmara, nem mesmo o Estado, pode fazer tudo o que falta fazer; mas ninguém tem o direito de duvidar que um dos nossos objectivos é o de melhorar o mais possível as condições de vida da população das nossas aldeias, integrá-las no surto de renovação que se nota em todo o país. Não queremos ficar atrás das outras povoações, porque nos sentimos com iguais direitos e com as mesmas responsabilidades. Mas como o Estado não pode e as Câmaras não possuem rendimentos para fazer face a obras de vulto, as populações devem compreender que se torna necessário o seu concurso, o seu auxílio. Se se gastam dezenas de contos em foguetes para festejar uma data, por que não empregá-los em obras que fiquem e que a todos beneficia? Deixo a resposta a quem a puder dar.

Antes de terminar estas breves palavras, desejo agradecer à Comissão promotora desta justíssima homenagem o convite que me dirigiu para aqui vir. Gostosamente acedi porque nenhuma outra solicitação me poderia ser mais agradável do que associarme à manifestação de apreço por quem tanto se tem interessado pelo progresso desta freguesia. Muito bem, muito bem e muito bem!

E por último, foi o sr. Henrique Nunes da Silva, secretário da Junta de Freguesia homenageada, que falou pelas seguintes palavras:

«Senhor Presidente da Câmara Municipal de Aveiro;

Meus Senhores: Quisteses vir, a esta casa, testemunhar o vosso agradecimento por quanto se tem feito em prol da terra que nos foi berço.

No limiar das minhas desataviadas considerações, dir-vos-ei:

— Fizemos quanto pudemos; pena é que quanto pudemos fazer, tenha sido muito pouco em relação aos merecimentos deste cantinho do mundo.

No pleno reconhecimento dos nossos esforços; na serena convicção da nossa impotência para irmos além; na ponderação do muito que merecemos — nestas premissas postas à luz consciente das nossas minguidas forças e dos vossos justificados anseios, está equacionado o problema que, a um tempo, nos consola e nos tortura: — *Consola-nos*, pela satisfação que temos do dever cumprido; *tortura-nos*, pela estreiteza de perspectivas em que se confina toda a nossa boa-vontade, sujeita sempre ao modesto condicionalismo dos modestos recursos de que dispomos. Quero dizer: — Somos pobres demais para aspirar a realizações de sumptuária; mas, em tal pobreza, fomos graduando o azeite da nossa candeia de maneira a iluminar a casa que habitamos, de modo que, em todos os seus cantos, se veja o asseio e a ordem a louçaria e a disciplina, o conforto sem luxos, a mediania sem pertensões.

Numa palavra: — arca de piúba, com tábuas aparelhadas, onde arrecadamos o bragal das nossas economias.

A Junta desta Freguesia (que tão apagamamente represento) foi confiado o honoroso — mas difícil — encargo de gerir, de orientar, de ordenar, os negócios públicos da nossa terra. Mal iria os povos, se quem os representa não cumpriram com honra e diligência o mandato com que distinguiram os eleitos; por isso é que, simplesmente, cumprir o encargo, não me parece que mereça louvor, nem agradecimentos, nem aplausos; mas aplaudir, agradecer e louvar — tal como agora viestes fazer — significa (e isso nos apraz registar) que fomos dignos da vossa confiança e da nossa escolha.

Isso nos dá a tranquilidade de espírito necessária, para prosse-

guirmos na senda que nos foi imposta.

E pois que soubestes ser bons juizes do nosso trabalho; e pois que (embora deslocado, talvez o agradecimento) foi salutar a vossa presença, pelo apoio que nos confere; e pois que mostrais estar satisfeitos com o nosso esforço; — aqui fica esta promessa, sagrada pelo testemunho do contentamento que mostrais:

— Tudo faremos, de futuro, para bem continuar a merecer o vosso estímulo, procurando engrandecer, quanto nos seja lícito ambicionar, o torrão querido onde nascemos. Disse.»

Antes do Sr. Presidente encerrar a sessão, foi entregue um ramo de flores ao Presidente da Junta de Freguesia de Cacia, sr. António Rodrigues da Silva Gomes, pela interessante menina Maria Arminda Simões Pereira da Costa, filha do sr. Vitorino Pereira da Costa e de sua esposa sr.^a Maria Augustinha Neto Torres de Vilarinho.

Em seguida, o cortejo andou para a sede da Junta, na rua Luís de Camões, onde o Sr. Presidente da Câmara descerrou uma lápide comemorativa desta homenagem, com a seguinte dedicatória:

«A Junta de Freguesia de Cacia, preito de gratidão do seu povo. — 15-11-953.»

E depois para o Café Esplanada Pensão, na Estrada Nacional, onde foi oferecido um bem provido almoço aos homenageados, tendo assistido dezenas de cacienses.

Aos brindes falaram os srs. Dr. Alvaro Sampaio, em saudação e agradecimento, e Henrique Nunes da Silva, que leu o seguinte discurso:

«Senhor Presidente da Câmara Municipal de Aveiro;

Meus Senhores: Em descoloridas palavras, disse, há pouco, ao Povo de Cacia, que, por nada, tinha que agradecer à Junta o cumprimento do seu dever na gerência do mandato com que a houraram; mais acrescentei que o testemunho do seu reconhecimento constituiu eficaz incentivo para prosseguirmos no caminho, que nos impuzeram. E, ao falar assim, pus o coração nas mãos — para não esconder com o manto da retórica — a sinceridade das minhas palavras. E' que eu creio ser necessário o aplauso ao esforço de quem se consagra ao bem público, ao menos como índice e medida dum julgamento.

Quando disse, de manhã, não basta, porém, para traduzir, nesta assembleia, tudo o que a presença de V. Ex.^{as} exige. O que, então, referi, com a alma, terei que traduzir aqui com o cérebro: — os louros que, ali, aceitei apenas para a Junta de Freguesia que represento terei que reparti-los aqui, em justa partilha, com aquelas pessoas e entidades, que nos possibilitaram as obras que realizamos.

E, por isso, força-me a sinceridade, a proclamar, agora, que sem a assistência atenta da Câmara Municipal de Aveiro; sem a ajuda da Companhia Portuguesa de Celulose; sem a ajuda de todo o povo de Cacia; sem a compreensão da edilidade Aveirense sem a achega da gente desta terra — nem a manifestação de há pouco, nem a presente homenagem, teriam significado sério.

Aonde, quero, concluir: — na manifestação da manhã e na homenagem de agora, a equidade torna-me preplexo ao saber se a Junta de Freguesia deve ser em são critério, a homenageada, ou a homenagiante.

Talvez tudo esteja certo; talvez

que a Câmara, a C. P. de Celulose, o Povo e a Junta, sejam reciprocamente dignos de aplauso, na conjugação de esforços para o progresso deste canto do Vouga. Mas, se assim é — e, em boa verdade, é assim — que este banquete se transforme, apenas em eloquente confraternização.

Com o mesmo agradecimento com que V. Ex.^{as} vêm aqui agradecer à Junta, faz a Junta o seu agradecimento a todos os que se esforçaram por justificar esta festa.

E, pela Junta, só poderei dizer-vos:

Estamos na nossa terra querida, na nossa casa, os seus alicerces, as suas paredes o seu teto — pelos quais a Junta vela — são tão nossos, como são vossos. O rincão comum de Cacia é obra comum, na qual todos os obreiros merecem, por igual, o mesmo aplauso, o mesmo louvor e a mesma glória. Disse.»

Em seguida, o sr. António Augusto Pinto Perfeito leu a correspondência recebida que se associava à homenagem, discriminadamente, incitivos telegramas dos srs. Felismino Martins Simões, de Sarrazola e estimado empreiteiro de obras públicas no Porto; Florentino Nunes da Maia, empregado comercial de Aveiro e grande amigo de Cacia; José Maria Marques Aleixo, de Sarrazola e conceituado industrial de padaria em Lisboa; Manuel Rodrigues Teixeira, de Cacia e benquista industrial de padaria em Fornos de Algodres; e Artur Augusto Marques, do Cabeço, digno fiscal de 2.^a classe e encarregado do Posto do Commissariado do Desemprego do concelho de Castelo de Paiva; e uma carta da sr.^a D. Adelaide Ferreira Bastos, residente em Lisboa, estimada professora que viveu largos anos com o saudoso e ilustre caciense Conselheiro Dr. Manuel Nunes da Silva, a qual é do seguinte teor:

Lisboa, 3 de Novembro
Ex.^{mas} Senhores:

Li com o maior interesse todas as notícias, que os jornais deram dos grandes melhoramentos inaugurados no Domingo em Cacia.

Há muito, que Cacia está de parabéns, não só pelo seu progresso, mas pela sua boa administração e acertado critério da Junta.

Não é pois de admirar, que agora na devida altura e de futuro, com merecida justiça, os Cacienses prestem as devidas homenagens de sincero reconhecimento a um punhado de homens, que tão briosamente tomaram a seus ombros tão grande empreendimento.

Os Cacienses cumprem um dever de gratidão, eles podem orgulhar-se de ter à frente da sua Junta um punhado de homens de boa tempera e de vontade firme! Não se podia desejar melhor em tão curto espaço de tempo!

E contra factos, não há argumentos.

Foi com mágoa, que me deixou muitas saudades, não poder estar aí para assistir à inauguração, e mágoa sentirei não poder também no dia 15 próximo ir a Cacia associar-me à justa homenagem, que os bons Cacienses projectam realizar para assim darem o seu preito de gratidão aos prestimosos homens que tão acertadamente têm conduzido e melhorado tudo para o progresso da vossa linda terra; porém eu quero mesmo de longe prestar-vos a mesma homenagem, quero que saibam o apressado e admirado, que sinto, ao saber que Cacia vai a pouco e pouco sentindo os efeitos de tão acertada obra que estais realizando havendo muito a esperar de vós. Muitos e muitos parabéns e o

meu voto podem sempre contar com ele, pouco valor tem, mas é sincero. Se pensarem em novos empreendimentos gostaria de poder contribuir com uma migalha, mas migalhas também é pão e do pouco se faz muito.

Terei muito prazer em visitar Cacia, essa linda terra da minha muito estima e simpatia, e então ver a realidade das obras e melhoramentos realizados ultimamente.

Deus vos proteja sempre, dando vos coragem para tudo, que tiverem em vista.

Apresentando os meus respetuosos cumprimentos e votos pela boa saúde e felicidades de todos.

Da velha amiga de Cacia,
Adelaide Ferreira Bastos.

Pouco depois, a festa de homenagem ia terminar, tendo se manifestado satisfeito e muito admirado pela forma brilhante como tudo decorreu o Sr. Presidente da Câmara, que depois de ter dito que é raro assistir-se a manifestações tão bem organizadas, em freguesias rurais, acabou com as consoladoras palavras: «Nada faltou».

Assim foi esta merecida homenagem, que redundou numa festa de gratidão a que ninguém esteve indiferente.

A Banda do Grupo Musical Caciense colaborou gratuitamente na manifestação, o que louvamos.

Cartaz de Espectáculos

EM CACIA TEATRO

Segunda feira, dia 23, às 20,30 h.

Estreia do formidável «Conjunto Internacional» de Music-Hall, com o famoso ilusionista Professor Martini, considerado o ilusionista mais rápido da Europa. As belas artistas Linda Maria, Susete Costa, Arlindo Pontes, etc.

Atenção: O Professor Martini, para mostrar a sua grande categoria de artista internacional, conduzirá um automóvel, de olhos vendados, às 13,30 horas do dia 22 (domingo) sendo a partida do Café Esplanada, à rua Vasco da Gama e Luís de Camões. Será possível? Vejamos!

CINEMAS

Domingo, dia 22, Matinée às 15 horas e Soirée às 21

«Os três da Vida Airada» filme português, com documentários de Aveiro, apteando o Rancho Folclórico de Cacia.

Quarta-feira, dia 25, às 21 horas

«D. Camilo» (Italiano)

Sábado, dia 28, pelas 21 horas

«O Rio Escondido» (Mexicano)

Domingo, dia 29, Matinée às 15 horas e Soirée às 21

«Camões»

filme português baseado na vida e obra do imortal poeta.

AOS NOSSOS ASSINANTES DE LISBOA

Avisamos todos os nossos prezos assinantes de Lisboa, de que já começamos a enviar a cobrança pelo correio todos os recibos.

A todos, pois, pedimos que não os deixem devolver, evitando-nos novos trabalhos e despesas que nunca são inferiores a 5\$00 por cada vez que o tenhamos de fazer, cujas são sempre de conta do mesmo assinante.

Desde já agradecemos a todos a liquidação.

Ler na 4.^a página notícia-diversa e anúncios de interesse geral.

Por Aveiro

Banda Amizade

Vão realizar-se as festas comemorativas do 119.º aniversário desta colectividade, as quais constam do seguinte programa:

Sábado, 21 — Pelas 21 horas, concerto pela Banda na Praça Dr. Joaquim Melo Freitas.

Domingo, 22 — Às 8,30 horas, hastear da Bandeira; às 9 horas, na igreja da Misericórdia, celebrar-se-á missa solene, cantada por Mons. Raúl Mira, dig.^{mo} Vigário Geral da Diocese de Aveiro, em honra de S. Cecília. No final da missa será cantado o «Libermé Dómine», em sufrágio dos executantes e sócios falecidos desta colectividade. As cerimónias religiosas serão acompanhadas a grande orquestra. Em seguida, romagem aos cemitérios.

A' noite, pelas 20 horas, na sua sede, realiza-se um jantar de confraternização.

Novo pároco da Vera Cruz

Foi nomeado pároco da freguesia de Vera Cruz, desta cidade, o rev. Manuel António Fernandes, devendo a cerimónia da posse realizar-se no dia 22, às 10 horas. O novo pároco, que é natural de Castellos (Vale de Cambra), desempenhou as funções de professor do Seminário de Aveiro e de secretário-geral do Centro de Acção Pastoral desta cidade.

De Angeja

BAILE. — Promovido por um grupo de rapazes, realiza-se no domingo, dia 22, pelas 20 horas, um grandioso baile na nossa Associação, abrilhantado pelos «Papagaios Jazz», de S. Bernardo.

TEATRO. — No dia 24, pelas 20,30 horas, será apresentado na nossa Associação um grandioso espectáculo pelo formidável «Conjunto Internacional» de Music-Hall com o famoso ilusionista Professor Martini — o Homem Drácula —, considerado o ilusionista mais rápido da Europa, que aqui vem pela primeira vez, com um sensacional programa de fantasia, em colaboração com a atraente cançonetista Linda Maria, Susette Costa e Arlindo Pontes.

ACIDENTE. — No dia 12, quando voltava da rua do Espírito Santo, foi colhida por um carro de vacas pertencente ao sr. Manuel Maria da Silva Pinho, lavrador da rua dos Pinheiros, a sr.^a Maria Nunes Branquinho, filha da sr.^a Rita do Correio, que sofreu o esmagamento dum pé e está de cama.

ANOS. — Partiu para Lisboa na última quarta-feira o nosso amigo sr. Manuel Nunes da Silva, empregado comercial naquela cidade, afim de passar ali, com sua família, o seu 70.º aniversário, em 21 do corrente.

— E no dia 20 fez 41 anos o assinante deste jornal sr. Manuel Rodrigues Onofre, lavrador da rua da Cruz.

Os nossos parabéns. — C.

NOTÍCIAS LOCAIS

Roubos

Só agora soubemos que no dia 5 de Outubro último, pela tarde, aproveitando a ausência, roubaram 850\$00 em dinheiro ao sr. Abel Rebelo dos Anjos e um corte de pano a sua mãe sr.^a Maria Augusta Baptista, esposa do sr. José Maria Rebelo dos Anjos, da Quinta.

— E na noite de quarta para quinta-feira, roubaram a bicicleta que o sr. José Luciano Martins Marques Figueira, negociante de gado, residente em Cacia, tinha deixado encostada junto do Café Esplanada Pensão, desta localidade.

Luz eléctrica na estação

Já está concluída a montagem da luz eléctrica na estação dos caminhos de ferro de Cacia, que deve ser ligada na próxima semana.

Câmara Municipal de Aveiro Tabuletas e Letreiros

EDITAL

Dr. Alvaro Sampaio, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária do dia 16 do corrente, tomou a seguinte deliberação:

«Verificando-se que não foram cumpridas em devido tempo as formalidades previstas nos Regulamentos (Art.º 51.º do Código de Posturas aprovado em reunião da Câmara de 9 de Setembro de 1943 e Art.º 125.º do Regulamento de Polícia Urbana e Rural, de 9 de Fevereiro de 1948) quanto à apresentação dos esboços ou desenhos dos letreiros, tabuletas, lápides, placas, etc., pintados ou colocados em vários locais do Concelho, e reconhecendo-se a urgente necessidade de completar, neste sentido, os ficheiros e registos da Secretaria da Câmara, para a conveniente identificação daqueles e dos respectivos responsáveis, e eficiente fiscalização, a Câmara delibera que sejam avisados todos os proprietários ou presumíveis responsáveis pela manutenção dos réclamos acima referidos que não figurem nos registos camarários, a fazerem a entrega na Secretaria dos respectivos desenhos ou fotografias em duplicado, em escala conveniente ou em tamanho que não exceda 0,21 x 0,30, com as dimensões devidamente inscritas, até 31 de Dezembro do corrente ano.

A falta da sua apresentação impede a renovação da respectiva licença em Janeiro do próximo ano e, consequentemente, decorrido o período normal, sujeita os responsáveis à aplicação das sanções regulamentares.

Para constar, se passou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos locais do costume.

E eu, *Dário da Silva Ladeira*, Chefe da Secretaria o subscrevi.

Aveiro e Paços do Concelho, 16 de Novembro de 1953.

O Presidente da Câmara,
Alvaro Sampaio.

Leilão

Realiza-se no dia 22 do corrente, pelas 11 horas, o leilão de todas as alfaias agrícolas e vários outros objectos, que pertenciam à casa do falecido sr. Conselheiro Nunes da Silva, em Cacia. (33)

Vende-se

sepultura no cemitério velho de Cacia, à entrada do portão, por terem sido trasladados para Aveiro os restos mortais de Celeste e Ana Rosa de Macedo.

Tratar com João Ferreira de Macedo, em Aveiro, ou com Américo Capela, em Esgueira.

Padaria

Trespasa-se ou vende-se juntamente com o prédio, de farinha espoada, estando também autorizada a cozer farinha de milho, por motivo do proprietário não poder estar à testa.

Quem pretender dirija-se a José Joaquim - Tomar, Curvaceira Grande, aonde a mesma está instalada. (33)

Aparelhagem sonora

Aluga-se para arraiais, bailes, ou qualquer cerimónia. Com dois alto falantes e discos dos mais modernos. Tratar com João Valente - Mataduchos.

Conceição Lopes de Oliveira Ascenço

PARTEIRA pela Escola Médica
ENFERMEIRA pela Escola Dr. Ravara
(Atende a toda a hora)

Consultório:

R. Luiz de Camões, 132-1.º-Dt.º
Telef. 38164 - LISBOA

COMBOIOS EM CACIA

Horário de partidas

PARA O NORTE	PARA O SUL
5,29 Correio	0,37 Correio
6,18 Tramuei	7,21 Onibus
6,56 Mixto	9,48 Onibus
8,28 Tramuei	11,08 Semi-directo para Lisboa
11,18 Tramuei	11,53 Tramuei
13,03 Tramuei	15,47 Onibus, segue Lisboa via norte
15,46 Onibus	17,24 Tramuei
18,26 Tramuei	18,59 Tramuei
21,15 Onibus	20,25 Tramuei
	22,24 Mixto

Os comboios das 11,53, 18,59 e 20,25, que seguem para o Sul, terminam em Aveiro, dando o 2.º ligação ao rápido.

Rápidos em Aveiro

PARA O NORTE	PARA O SUL
12,23 - Rápido (1.ª e 3.ª classes)	
17,31 - Foguete (1.ª classe)	
22,40 -	
	10,18 - Foguete (1.ª classe)
	15,34 - Foguete (1.ª classe)
	19,39 - Rápido (1.ª e 3.ª classes)

Assento de casas

Vende-se com quintal e eira, na rua da Agra, em Angeja, que foi de Júlia Nogueira da Silva. Recebem-se propostas por carta: em Angeja, dirigir a Adelino Souto e em Lisboa a Francisco António Nogueira da Silva - Rua Cidade Cardiff, 8 - 1.º. (2)

Padaria

Trespasa urgente Henrique Baptista, em Azoia de Cima - Santarém, cozendo actualmente 4 sacas diárias. (3-2)

Mercearia e vinhos

Por motivo de retirada do seu proprietário para o estrangeiro, trespasa-se o estabelecimento de Diamantino Pereira da Costa, no Largo 5 de Outubro, em Cacia. Tratar com o próprio.

Humorismo...

Num estabelecimento...



- Desejava pó para matar pulgas.
- Em lata ou avulso?
- Tanto faz. E' para agora mesmo.

Germano M. Dias Ferreira

ADVOGADO

R. Nova do Almada, 81-1.º Esq
Tel. (27081 - 33060) - LISBOA

OURO - PRATAS - RELOGIOS - OCULOS

Se desejar comprar não esqueça a
Ourivesaria Vilar
Rua José Estevão, 59
(Junto ao Quartel da Guarda Republicana)
AVEIRO
Oficina para todas as reparações.
Consulte sempre os seus preços, tanto para comprar como para vender.

Mercearia e vinhos

Trespasa-se em Cacia, por motivo de retirada para o estrangeiro. Tratar com o próprio, Mário Martins Simões, junto da estação dos caminhos de ferro de Cacia.

PRÉDIO

Vende-se com barracão anexo com lagar. Trata Manuel Maria Gomes Ferreira - Angeja.

PORTO VELHO

RAINHA SANTA

EM TODA A PARTE



Armas para caça, defesa ou recreio

NOVAS OU USADAS

Se desejam comprar ou vender, consultem o armeiro

MANUEL AUGUSTO VELHO

Rua Comb. Grande Guerra, 64 - Telef. 241 - AVEIRO

BICICLETAS

VENEZA, RUDGE, RIAVER, PHILIPS e muitas outras nacionais e estrangeiras.

MODELOS DESDE 900\$00

As bicicletas «VENEZA», equipadas com aros de aço inoxidável, são garantidas por 5 anos.

ARMAZENS VENEZA
de AFONSO MIGUEL DE FIGUEIREDO

Rua Aires Barbosa, 93 (Passagem de nível de S. Bernardo)
Telefone 209 = AVEIRO

Carteira Elegante

Fazem anos:

Hoje, dia 21, os gêmeos srs. Agostinho e Joaquim Rodrigues Barbosa, 40 anos, naturais da Póvoa, casados respectivamente em Mataduchos e na Quinta e panificadores em Lisboa e em Aveiro; o sr. Manuel dos Santos Valério Júnior, 51 anos, marido da sr.ª Aida Augusta Campos Valério, de Angeja e residentes em Lisboa; o sr. Vicente Marques de Campos, de Angeja e residente em Lisboa, e a sua esposa sr.ª Adriana Ribeiro, faz 62 anos no dia 25.

— Amanhã, 22, a galante menina Maria Helena da Silva Escudeiro, colhe 20 floridas primaveras, a passar uma temporada na Póvoa, filha do sr. Luís Carlos Escudeiro, dig.º 2.º sargento da Guarda Fiscal no Sabugal (Guarda) e de sua esposa sr.ª D. Maria Nunes da Silva, residentes naquela localidade; e a sr.ª D. Eowiges da Fonseca Lima, bondosa esposa do nosso apreciado colaborador sr. Alexandre Lima, distinto professor do Asilo Maria Pia, de Lisboa.

— No dia 23, o sr. Pedro Marques da Silva, 62 anos, natural de Azurva e acreditado proprietário da Pensão - Restaurante S. Pedro, da rua Tenente Resende, 17 a 31, de Aveiro.

— Em 24, o nosso director sr. José Marques Damião, passa o seu 69.º aniversário; a gentil menina Maria Isaura Duarte, completa mais uma primavera, filha do sr. João Emídio Lopes e de sua esposa sr.ª Ana da Costa Duarte Lopes, naturais de Vilarinho e Cacia e residentes em Lisboa; o sr. Evangelino dos Santos Cunha, natural de Cacia e conceituado industrial de padaria em Santo António da Charneca (Barreiro) e no dia seguinte colhe mais uma primavera a sua dilecta netinha Evangelina Rosa Pereira da Cunha.

— Em 26, a menina Dorinda Marques Damião, completa 32 aniversários, filha da sr.ª D. Emília Martins Damião e de seu saudoso marido Jacinto Marques Damião, de Sarrazola e conceituados industriais de padaria em Riachos (Torres Novas); a sr.ª D. Maria Luiza Pereira Vigairinho, de Sarrazola, esposa do sr. José Maria Tavares Júnior, ausente no Brasil; a sr.ª D. Aida dos Santos Figueiredo, 27 anos, esposa do sr. Elviro de Pinho Vinagre, activo proprietário de barbearia em Cacia, filha e genro do sr. José dos Santos Bartolomeu, digno factor de 1.ª classe da C.P., ao serviço na estação de Aveiro, e de sua esposa sr.ª D. Rosalina Nunes de Figueiredo, comerciantes naquela cidade; o sr. António Rodrigues Miranda, 64 anos, de Cacia e conceituado industrial de padaria na Trafaria; o sr. António Pereira de Melo, 36 anos, estimado proprietário de alfaiataria e barbearia e da Agência Funerária Melo, de Cacia; o sr. João Maria da Silva Matos, 25 anos, filho do sr. José Maria da Silva Matos e de sua esposa sr.ª D. Maria Augusta Nunes da Silva Matos, bons cacienses e considerados industriais de padarias em Espinho, Paços de Brandão e Estarreja; o sr. Manuel Rodrigues

da Silva, 26 anos, filho do sr. Joaquim Rodrigues da Silva e de sua esposa sr.ª Maria Rodrigues da Silva, de Sarrazola e residentes em Lisboa; e a menina Virgínia Maria Rodrigues da Silva, completa 9 primaveras, filhinha do sr. Manuel Nunes da Silva Vidal e de sua esposa sr.ª D. Emília Rodrigues da Silva, da Quinta e laboriosos industriais de padaria em Frielas (Loures).

— E em 27, o sr. Francisco da Costa, 48 anos, de Sarrazola e acreditado industrial de leitaria em Lisboa.

Muitas felicidades para todos.

VISITAS

Estiveram na Quinta a tratar de partilhas os nossos amigos srs. José Nogueira Simões e sua esposa e Alfredo Nogueira Simões, residentes em Tomar; Manuel Gonçalves Nunes da Silva e sua esposa, laboriosos industriais de padarias em Mesura (Coimbra) e na Marinha Grande; a sr.ª D. Mabilia da Cruz Nogueira e sua filhinha, estimadas industriais de padaria na Curia; e o sr. João Rodrigues Lourenço e sua esposa, residentes em Mataduchos.

Padaria

Trespasa-se em Pampilhosa, cozendo 70 T. E. e 110 T. C., tudo vendido na terra. Tem habitação anexa. Renda barata.

Para melhores informações, dirigir ao seu proprietário António Ribeiro de Almeida.

Vendem-se em Angeja

Um assento de casas, com aido, na rua da Cruz; e um serrado de terra lavradia no campo da Barroca, pertencente às Ladeiras, da Cruz.

Tratar com Augusto Nunes da Cruz, na rua do Ribeiro, em Angeja, e em Lisboa com Augusto Nunes da Silva Tavares, rua Morais Soares, 50-1.º Esq.

Arrenda-se

casa em Vilarinho, com mobília e sem ela, no centro do lugar. Informa José António Dias da Cruz, no mesmo lugar.

Assento de casas

Vende-se em Frossos, em frente ao chafariz, no melhor local daquela freguesia, onde mora Zacarias Paiva do Paço.

Quem pretender dirija-se a Antero Valente Figueira, em Angeja.

Mário Bismarck Soares

ADVOGADO

Rua do Crucifixo, 28-2.º
Telef. 27340 - LISBOA